

## JACKSON DE FIGUEIREDO E A MONARQUIA

Teresa M. Malatian Roy  
(Unesp, Franca)

É impossível falar em revitalização do Catolicismo na década de 1920-30 sem mencionar Jackson de Figueiredo, bem como sua atuação à frente da revista **A Ordem** e do Centro D. Vital.

Esse jornalista, que antes de converter-se ao Catolicismo adotou posição radical contra a Igreja, foi uma figura carismática e apologética empenhada na conversão dos intelectuais. Em 1921, com Hamilton Nogueira e José Vicente de Sousa, fundou a revista **A Ordem**, que pretendia combater toda e qualquer forma de rebelião. No ano seguinte, encontrava-se na direção do Centro D. Vital, destinado a promover a “recatolização” da sociedade brasileira.

Tanto **A Ordem** como o Centro D. Vital surgiram numa época de grande atividade intelectual e de efervescência política. Homem do seu tempo, Jackson identificou-se bastante com os problemas que o rodeavam, buscando inspiração em pensadores tradicionalistas como Joseph de Maistre, De Bonald, Laménais, Donoso Cortés, Louis Veuillot, bem como em Charles Maurras e outros ligados à Action Française. Seus escritos tiveram como temas dominantes, além do Catolicismo, a contra-revolução, a ordem, a autoridade, o nacionalismo e o moralismo.

Inspirado nesses autores, sentiu-se também inclinado à monarquia, que não chegou porém a propor publicamente, por acreditar-se obrigado a defender a “ordem”, isto é, o regime político vigente na época. Isso não impediu que em sua correspondência particular Jackson se mostrasse simpático à forma monárquica de governo. É o que se pode verificar em carta a Alceu Amoroso Lima:

“Daí, meu caro Alceu, eu ainda apelar para o absurdo: Monarquia cristã e, conseqüentemente, aniquilamento das arestas revolucionárias ou pagãs — cesarismo ou populachismo (...) Creio firmemente que acertaremos de novo, mais tarde ou mais cedo, com o nosso leito natural, ou melhor, com o traçado hierárquico que Deus nos indicou ao fundir o paganismo e o mundo bárbaro numa sociedade com fins espirituais tão bem definidos” (Rio de Janeiro, 22-7-1927).

Em outra carta a Alceu A. Lima, repetiu sua afirmação:

“Você sabe que sou o último dos monarquistas sinceros, tão sincero que só do milagre espero a volta da monarquia” ( Rio de Janeiro, 13-1-1928 ).

Assumindo posição antiliberal, Jackson aproximou-se do Integralismo Lusitano de Antônio Sardinha, propondo uma “monarquia absoluta, inteiramente informada pelo espírito católico”. É o que relata Hamilton Nogueira na obra coletiva **In Memoriam**, editada em homenagem póstuma ao polemista prematuramente falecido.

Somente em documentos de caráter privado Jackson de Figueiredo declarou-se monarquista. Embora tivesse convicção a respeito da forma de governo que considerava mais adequada ao Brasil, permaneceu, nas declarações públicas, defensor do regime republicano.

\* \* \*